

# MINHA NARRATIVA DE VIDA ATRAVESSADA PELA PANDEMIA

■ MARIA INEZ DO ESPÍRITO SANTO

<https://orcid.org/0000-0003-0763-827X>

Universidade de Lisboa

## RESUMO

O presente artigo traz uma análise da influência da atual situação de pandemia na elaboração de minha dissertação de mestrado. Realizado pelo método biográfico, aquele relato parte de minhas lembranças e de registros pessoais, demonstrando como tempo, ambiente e culturas atuam no desenvolvimento do ser humano. Assumindo duplo olhar de espectadora e especialista, a partir da análise dos conteúdos da narrativa, vistos, agora, sob a presença revelada da morte, voltei à questão formulada inicialmente, ao pensar de que modo é possível encontrar, no passado, um sentido vivificador para um futuro possível, em educação. Percebi, ao final, o fio condutor que, interligando fatos, sentimentos e conhecimentos acumulados, aponta para um processo infinito de trocas experienciais, herança comum a todos os seres humanos.

**Palavras-chave:** História de vida. Formação. Experiência. Pandemia. Morte.

## ABSTRACT

### MY LIFE'S NARRATIVE CROSSED BY A PANDEMIC

This article presents an analysis of the influence of the current situation of a pandemic in relation to the development of my master's dissertation. Using a biographical method, that report starts with my memories and personal records, showing how time, environment and culture act in the human development. Assuming a dual view as a spectator and as a specialist, from the analysis of the narrative's content, seen now under the revealed presence of death, I went back to the question formulated initially, thinking about how it is possible to find in the past, a life-giving meaning for a probable future in Education. In the end, I realized the guiding thread that, interconnecting facts, feelings and accumulated knowledge points out an endless process of experiential exchanges, a common heritage of all human beings.

**Keywords:** Life history. Formation. Experience. Pandemic. Death.

## RESUMEN **MI NARRACIÓN DE LA VIDA A TRAVÉS DE LA PANDEMIA**

Este artículo ofrece un análisis de la influencia de la situación actual de la pandemia en la preparación de mi tesis de maestría. Realizado por el método biográfico, ese informe parte de mis recuerdos y registros personales, demostrando cómo el tiempo, el medio ambiente y las culturas actúan en el desarrollo del ser humano. Asumiendo una doble mirada de espectador y de experto, a partir del análisis de los contenidos del relato, visto ahora bajo la presencia revelada de la muerte, volví a la pregunta formulada inicialmente, pensando cómo es posible encontrar, en el pasado, un sentido vivificador para un posible futuro, en la Educación. Al final, me di cuenta del hilo conductor que, interconectando hechos, sentimientos y conocimientos acumulados, apunta a un proceso infinito de intercambio experiencial, una herencia común a todos los seres humanos.

**Palabras clave:** Historia de la vida. Formación. Experiencia. Pandemia. Muerte.

### Uma visitante inesperada

Na sexta-feira, dia 6 de março de 2020, vivendo a etapa de conclusão da escrita de minha dissertação de mestrado, estive na universidade, para participar de um seminário de orientação. No encontro com professores e colegas, tive a oportunidade de expor as etapas de desenvolvimento de meu trabalho até aquele momento. Entre outras peculiaridades, discorri sobre o motivo da adoção do estilo de escrita do texto – uma narrativa de vida feita sob a forma de um inventário. Consoante àquele gênero, sem ferir as exigências acadêmicas, eu nomeara convidados aos autores em cujos ensinamentos me baseei para compor os aspectos epistemológicos e metodológicos de meu trabalho e a quem recorri em busca de suporte teórico para as experiências vividas, expostas na história narrada. Àquela altura eu já tinha elaborado uma grande listagem desses visitantes ilustres e julgava não ser preciso ampliar muito mais aquele rol. Ao acabar a reunião, no final da tarde, voltei diretamente para minha casa, porque estando fortemente gripada, sentia-me bastante preocupada,

já tendo conhecimento que uma epidemia causada por um coronavírus, havia chegado à Europa. Cinco dias depois, exatamente no dia 11, fui surpreendida com a declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS), da pandemia causada pela propagação violenta da COVID-19. Desde então, reclusa em minha morada, iniciei uma etapa adicional em minha formação, tema central de meu trabalho acadêmico. A princípio, foram dias de apreensão e de angústia, pelo pouco conhecimento que havia acerca da extensão do mal que se alastrava, agravadas por informações cada vez mais aterrorizantes sobre o que se passava na China – identificado como o país de origem da doença – e em países vizinhos de Portugal. Vivendo sozinha e fazendo parte do grupo considerado de risco por conta de minha idade, decidi, de imediato, seguir rigorosamente as recomendações oficiais de respeitar total isolamento social. Após o primeiro impacto, a necessidade de manter-me saudável e produtiva levou-me a estabelecer uma nova rotina de alimentação, de sono, de higienização contínua e um repla-

nejamento das indispensáveis saídas, apenas uma vez por semana, para compras de alimentos e produtos de limpeza, em um supermercado muito próximo de minha casa, usando todos os aparatos de proteção necessários (luvas, máscara facial, viseira e muito álcool gel). A internet passou a ser mais valorizada por mim, como colaboradora, uma vez que aboli o uso de aparelho de TV há muitos anos e que minha família e a maior parte de meus amigos vivem no Brasil, meu país de origem, o que afetivamente me impulsiona a buscar notícias constantes vindas de lá, principalmente em uma situação de emergência como essa. Para trazer sentido maior à reclusão, passei a dedicar-me com afinco à dissertação. Logo percebi que tudo o que eu escrevera, até então, teria que ser posto em suspeição. Enquanto vinha elaborando aquele texto não podia supor que as incertezas, que já apareciam como pano de fundo, fossem se aprofundar tão intensamente, daqueles dias em diante.

Passaram-se cinco meses desde então. Concluí o texto da dissertação e, ao dedicar-me a ele, fui, pouco a pouco, verificando que a situação que estamos todos atravessando ampliou enormemente a dimensão de minhas reflexões. Colocada pela vida em uma outra posição, passei a observar tudo sobre nova perspectiva. Reexaminar, a partir desse lugar, a passagem do tempo, os espaços por onde circulei, as orientações que recebi, a importância relativa de muitos hábitos e, principalmente, avaliar mais profundamente quais seriam os bens imateriais que eu julgara inicialmente poder legar, tornou-se imperioso e urgente. Além disso, em um mundo aparentemente desesperançado, precisei voltar minha atenção à identificação daqueles que, eu supunha, pudessem vir a ser herdeiros da intensa e densa experiência de vida que eu estava oferecendo. Assim, constatei a veracidade do que havia escrito no texto inicial: a formação nunca está

terminada, ela se faz ao longo de toda a existência.

Justamente durante o término da dissertação, eu dava-me conta de estar vivendo a emergência de uma catástrofe com abrangência incalculável. A declaração de pandemia trouxe, ao mundo inteiro, a semiparalisação dos centros urbanos, com todas as consequências advindas desse fato extraordinário. Em função da desaceleração, passamos a viver, de imediato, uma nova realidade acústica, porque os espaços se tornaram mais silenciosos, sem o ruído constante de automóveis, trens e aviões e, desse modo, voltamos a escutar o canto dos pássaros, o assobio do vento, o tilitar da chuva. E isso, que é encantador, foi nos tornando mais intoleráveis aos pequenos barulhos costumeiros, que sequer notávamos. Como identificou Vieira (2020, s/p), ao escrever sobre o aumento dessa sensibilidade, “o isolamento trouxe um aumento dessa percepção, não só porque o silêncio ficou perceptível, mas também porque os barulhos estão conseguindo se destacar do ruído de fundo”. Ao mesmo tempo, tornou-se essencial reaprendermos a dinâmica das mais básicas rotinas diárias, transformadas e tornadas excepcionais, desde que as fronteiras restritas e gerais foram inevitavelmente alteradas. Todo esse conjunto de fatos e sentimentos vividos simultaneamente, faz-me ter que admitir que o trabalho de relato da história de minha formação não poderia ter sido, de fato, considerado concluído anteriormente. Embora, em tese, eu soubesse disso, já que é inerente à vida que as transformações se sucedam até o último instante da existência, na prática eu poderia supor estar realmente concluindo, com a inventariedade que compunha, uma síntese de minha formação como educadora. Logo, admitindo que a escrita acontece durante um percurso, fez-se mister que eu aceitasse a relativização dos conceitos que me serviram de diretrizes e

questionasse a manutenção de sua validade nesse momento seguinte, que vivo, e que se revela totalmente imprevisível. Em contingências nas quais a validade de quase tudo o que nos dá suporte está sendo questionada, considere aqui e o agora como um cais. Era o que havia de concreto para a próxima partida, sem garantia de segurança quanto ao trajeto. Ainda que um tanto inquietador, recomeçar uma viagem é sempre um convite instigante. Foi preciso me relançar aos entremeios do texto, com disposição para aceitar as surpresas que toda aventura implica. Fortalecendo-me para essa empreitada, encarei repetir Foucault (1997), citado por Ramos do Ó (2019, p. 37), quando este nos estimula a buscar e aceitar proposições novas: “Mas o que há afinal de tão perigoso no facto de os discursos proliferarem indefinidamente? Onde está o perigo?”.

Dominicé (1985, p. 57) afirma que “o essencial da formação reside no processo”. Mas, a que parte do movimento contínuo esse período tão excepcional, que eu estava vivendo, estaria ligado? Se, para Dominicé (1985, p. 60), o processo de formação é semelhante ao da socialização, “[...] no decurso do qual os contextos familiares, escolares e profissionais constituem lugares de regulação de processos específicos que se enredam uns nos outros, dando uma forma original a cada história de vida”, sob este meu novo olhar, foi preciso reavaliar também essas condições, na medida em que o enquadre de todos os contatos sociais passou a sofrer alteração o que, conseqüentemente, os atingiu em essência. A vida, todos sabemos, acontece em um transcurso de experiências. Elas nos afetam, nos formam e nos transformam e o início dessa estruturação que se faz, momento a momento, depende, junto com outros fatores, do valor que passam a ter as experiências subsequentes, num processo intercambial, complementar e complexo. O resultado desse encadeamento, que tem a duração de

toda a existência de cada um de nós, pode ser pensado como formação experiencial, conceito defendido e desenvolvido por Landry (1989), Pineau, (1989), Bonvalot (1991), Josso (1991), Cavaco (2002), entre outros, e que é descrito por Roelens (1991, p. 220), como sendo

[...] a descoberta progressiva por um sujeito (individual ou coletivo) da sua capacidade de pensar e de produzir a realidade a partir de cada experiência, capitalizando, de um modo singular, as potencialidades heurísticas das situações onde se inscreve a sua identidade.

Como, então, eu poderia deixar de lado o registro de uma vivência tão mobilizadora quanto a desse momento, que influi diretamente em minha formação experiencial, justamente a base estrutural de meu texto? Pus-me a rever, passo a passo, o trabalho já realizado. Se na parte teórica encontrei suportes suficientemente sólidos para dar continuidade à escrita, ao ir-me aproximando do final da narrativa, verifiquei que faltava incluir, ali, um tema que sempre me pareceu ser uma questão fundamental em educação e que representa, ao mesmo tempo, uma lacuna significativa no trato diário das famílias e das escolas: a morte. Aconteceu, assim, em minha formação e verifico que essa ausência persiste, nos dias atuais, na educação das crianças e jovens. Percebi que quase ia incorrendo na mesma falta! Foi a situação pandêmica que me trouxe a oportunidade de me reaproximar de meu antigo discurso, tão verdadeiro e necessário. Com essa lembrança tardia, confirmou-se minha crença em que tudo tem um sentido maior, que só podemos apreender *a posteriori*. “A grande travessia” foi um subcapítulo que criei, surgido dessa reavaliação, fazendo-me trazer, para a narrativa, algumas passagens emblemáticas de minha vida, em que a morte foi a mestra maior. Recordei o quanto aprendi em cada um daqueles sofridos momentos, ligados à escola que fundei e dirigi por 16 anos e o quanto

aquelas perdas imprevisíveis de pessoas queridas me acrescentaram na busca do sentido da vida. Desse modo, a morte – a visitante inesperada – chegando uma vez mais e com presença tão intensa e abrangente, encontrou e ocupou seu espaço definitivo em minha dissertação.

## Mudança de cenário

Nesse momento, imersos em uma situação global de emergência, experienciamos uma situação nunca antes vivida pelas gerações contemporâneas. Agora sabemos que o SARS-Cov-2, vírus altamente letal, vem se espalhando velozmente pelo ar, desde os últimos meses de 2019, usando a respiração humana como principal canal transmissor. Essa característica traiçoeira de contágio obrigou, em quase todo o mundo, a imposição oficial do isolamento social, como tentativa de conter sua propagação. Privados subitamente do contato físico costumeiro com os amigos, familiares e companheiros de trabalho, ficamos todos retidos em nossas casas. Universidades, escolas, bibliotecas, livrarias, museus, rodoviárias, aeroportos, comércio, todos os espaços de encontros presenciais foram fechados, incluindo-se praças, praias, estádios e templos religiosos. As portas, antes vestíbulos de liberação, tornaram-se símbolos da vedação ao convívio externo e apenas uma personagem invisível, onipresente, mas sempre oculta, parece, no entanto, irromper lares adentro e nos impor sua existência: a morte. O medo de adoecermos, o temor de sermos contaminados e de transmitirmos o vírus assassino àqueles que amamos passaram a invadir nossos sonhos, perturbar nosso sono, impedir nosso relaxamento. Esses fantasmas nos inquietam e nos desconcentram, provocando em muitas pessoas sinais de síndrome de pânico e de outras sequelas de ansiedade. Constatamos mais que nunca que estar seguro é apenas um

desejo, impossível de realizar e que nosso único e mínimo poder, nesse momento, passou a vir da cautela e da paciência. “Precisamos nos armar de uma ‘ardente paciência’” (MORIN & KERN, 1995, p. 181), já haviam vaticinado, como postura para viver as vésperas “não da luta final, mas da luta inicial”.

Dentro desse contexto, Santos, focaliza a ilusão de segurança, afirmando que “o surto viral pulveriza este senso comum e evapora a segurança de um dia para o outro” (2020, p. 7). Frente a ele, sentimo-nos todos completamente impotentes, essa é a realidade. Mesmo os melhores epidemiologistas, os mais brilhantes cientistas, os governantes das maiores potências mundiais, os representantes de organizações internacionais, os grandes acumuladores de riquezas, tanto quanto a população em geral, todos estamos rendidos à evidência de um perigo oculto, incontrolável, mais devastador que o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), mais silencioso que a guerra fria, mais traiçoeiro que o câncer, esses, os fantasmas que vinham assombrando nossa vida nos últimos anos. Tudo isso porque, além do mais, essa pandemia encontra o nosso planeta em momento de extrema fragilidade. Em um minucioso artigo intitulado “A pandemia incide no ano mais importante da história da humanidade”, de Marques (2020), aparece a afirmação de cientistas de que a Terra já vem sendo destruída pelos seres humanos há muito tempo, seguida da profecia de mais e mais pandemias futuras, cada vez mais graves. Naquele texto, a destruição da Floresta Amazônica, que vem sendo praticada criminosamente, é ressaltada como a provável causadora das próximas zoonoses. Morin & Kern (1995, p. 155), alertam que

[...] encerrados na lógica da produção desenfreada, os capitalistas, políticos e técnicos responsáveis pelo desmatamento amazônico para a agricultura, a pecuária e a indústria insistem em ignorar que a reciclagem da água

das nuvens pela floresta fornece a metade do débito do Amazonas.

O desequilíbrio ecológico incomensurável, causado pela invasão criminosa da mata virgem, pelo envenenamento dos rios, pelo garimpo desenfreado e pelo extermínio friamente calculado dos povos nativos, últimos guardiões daquela gigantesca e riquíssima reserva biológica, levará, fatalmente, ao crescimento incontrolável de doenças causadas por fungos, parasitas, bactérias e vírus, em animais e nos seres humanos.

Minha dissertação já trazia, subjacente à questão orientadora do processo de pesquisa, a conjectura sobre um futuro provável, em educação, passível de ser vivificado a partir de princípios e valores éticos preservados pela memória, experienciados em situações formais, não formais e informais, como pensadas por Rugiu (1998), Gadotti (2005) e Canário (2006a). No entanto, essa noção de probabilidade em relação à expectativa de um amanhã aprofundou-se imensamente nos últimos cinco meses, quando a pandemia forçou mudanças educacionais drásticas, desde seu aspecto mais inicial, porque as famílias sentiram suas rotinas totalmente modificadas, a partir do isolamento social imposto. O convívio estreito nos lares, entre pais e filhos, uma vez que creches, escolas e universidades tiveram as atividades paralisadas e os adultos passaram a trabalhar a distância, permanecendo em casa em tempo integral, forçou a adaptação de todos a uma nova realidade. Acrescendo-se que, incluídos no chamado grupo de risco, os avós não puderam mais prestar o costumeiro auxílio, cuidando dos netos, em alternância com os pais. Paralelamente, os auxiliares de serviços domésticos e babás precisaram ser liberados do trabalho e a família nuclear viu-se obrigada a um convívio estreito, mais rico, porém, de certa forma, desgastante. O futuro da humanidade, que já vinha sendo questionado, passou

a ser tema de reflexão urgente, quer no aspecto econômico e social, quer no aspecto ecológico, campos estes ainda não suficientemente comprometidos entre si, como seria desejável. A natureza, posta em repouso forçado pelo afastamento das pessoas e pela desaceleração inevitável dos centros urbanos, deu sinais evidentes de revitalização, o que denuncia e atesta o enorme poder destrutivo dos seres humanos. Nessas circunstâncias, senti-me forçada a rever a crença em um futuro, pensado nos termos em que eu o vinha concebendo até então. Compreendi, mais profundamente, o alerta de Morin & Kern (1995, p. 109),

[...] a relação com o futuro deve ser revitalizada na medida em que a busca da hominização é ela própria tensão voltada ao futuro. Não mais o futuro ilusório do progresso garantido: um futuro aleatório e incerto, mas aberto a inúmeros possíveis, em que podem se projetar as aspirações e as finalidades humanas sem, no entanto, haver promessa de desejos satisfeitos. Nesses termos novos, a restauração do futuro é de importância capital e de urgência extrema para a humanidade.

Nesse sentido e em contrapartida ao sentimento de perda, por conta mesmo do confinamento das pessoas em seus lares, da impossibilidade de circulação externa, do temor da contaminação e da constatação da presença da morte cada vez mais próxima de nós, passamos a viver o retorno a certos hábitos tradicionais que vinham sendo relegados. Assim, as cozinhas das casas voltaram a funcionar intensamente, os pais viram-se forçados a cuidar diretamente dos filhos e a acompanhar seus estudos, as famílias precisaram assumir os cuidados com o lar, descobrindo espaços internos desperdiçados e dando novas utilidades a eles. Parece que o passado começou a ser reencontrado em cantos esquecidos, vindo fortalecer um presente fragilizado. Enquanto isso, pela internet, abriram-se gigantescos festivais de contação de histórias, de música, de

teatro, oficinas de arte, entrevistas, debates, além de ser reinaugurado o costume do bate-papo, nas conversas descontraídas, como as que se davam, no passado, à beira das calçadas, em frente das casas. Esses encontros, realizados agora através de plataformas *on-line*, se estenderam magicamente, tornando-se pontes triviais entre pessoas do mundo inteiro. Presenciando tudo isso, ousou desejar que talvez este presente, energizado por tradições seculares, se aposse do sonho de decrescimento de Silva e Melo, (2012) e Canário (2012), guardado como utopia e (quem sabe?) inicie sua viabilização.

Nesse cenário, meu processo de formação – tema central da história de vida narrada – que eu já reconhecia incompleto, passou a me exigir a abertura de um novo espaço na escrita. Como diz Dominicé (2006, p. 350):

A formação não está destinada unicamente a prolongar aquisições anteriores. Ela deve ser pensada considerando as discontinuidades da existência, ainda mais que as transformações impostas pela sociedade atual não acontecem sem choque.

Ao repensar minha trajetória, portanto, voltei-me inevitavelmente para o significado especial que a morte sempre teve para mim. Talvez por tê-la entrevisto logo ao chegar a este mundo, eu tenha crescido mantendo-lhe sempre um respeito tão grande. Nasci prestes a sucumbir à falta de oxigenação. Em um parto realizado em casa, enlaçada pelo cordão umbilical, já apresentando estado cianótico, meus pulmões receberam o alento de vida, essencial ao bom funcionamento de meu cérebro, no último segundo. Significativamente, mais que temer a morte, eu sempre julguei importante conhecer o mais possível sobre o momento em que o ser humano se defronta com sua presença inevitável, quer seja anunciada (por doença crônica ou velhice) ou apareça abruptamente (em acidentes, tragédias, suicídios ou males

repentinos). Daí, talvez, minha consciência de que o tema da morte deveria constar dos currículos de toda escola e das conversas de todas as famílias, sem camuflagens ou inverdades.

Por tudo que vim explanando até aqui, acredito que a pandemia de 2020, que está pondo em xeque tantos valores, pode provocar uma grande transformação na educação. Milhões de crianças e jovens que foram impedidos do convívio diário com colegas de quem, ao voltarem às aulas, devem se manter afastados fisicamente, recebem, com as adaptações que são forçados a viver, um conteúdo extracurricular subliminar, que impregna qualquer dos ensinamentos que lhes esteja sendo oferecido. A morte chegou, enfim, ao enredo da vida de todos os estudantes e professores, mesmo sem ser desejada ou convidada, mesmo sem ser introduzida como parte da programação formal. Imagino que nas tragédias mundiais anteriores – guerras, catástrofes ou pandemias – esta desestruturação já houvesse acontecido. Mas, atualmente, devido à aceleração e à eficácia dos canais de comunicação, recebemos maciça e constantemente informações detalhadas, que alargam o impacto do espectro, num mundo onde o crescimento populacional vem explodindo, enquanto as condições desiguais de vida só fazem aumentar. Além do mais, a implantação de aulas *on-line* foi estabelecida para todos os segmentos de ensino, de forma improvisada e com qualidade para lá de duvidosa, já que muitos estudantes não têm acesso à internet de qualidade, a maior parte das instituições educacionais de muitos países não está aparelhada para o uso da tecnologia e grande parte dos professores não recebeu sequer algum treinamento básico para este tipo de trabalho. Torna-se mais evidente ainda, nesse caso, que as lições a distância não conseguem substituir a importância da relação professor/aluno, essa, sim, indispensável para tratar de um tema de ta-

manho impacto e de seus desdobramentos. Nos diz Santos (2020, p. 7), “A tragédia é que neste caso [da pandemia] a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmos-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos”. Essa é a amarga lição que, em nossos dias, os estudantes e professores estão sendo forçados a aprender. De toda forma, com vantagens e desvantagens, já estamos imersos na terceira revolução tecnológica, é inevitável admitir. Segundo Morin & Kern (1995, p. 149), a primeira revolução surgiu com a invenção da máquina a vapor; a segunda, com a chegada da eletricidade e a chegada desta última, que eles denominam meta-técnica,

[...] é de natureza computacional/informática/comunicacional. Ela tende a diminuir os obstáculos da distância e do espaço. As redes predominam sobre os lugares – as redes telex-fax-rádio – computadores asseguram já o funcionamento do mercado mundial – e o trabalho pode cada vez mais ser separado de um lugar centralizador.

## O simulacro de tranquilidade

Paradoxalmente, vimos percebendo uma reação de negação à gravidade do momento, por parte de inúmeras pessoas. Contrariando as recomendações da OMS, grande parte da população recusa-se a usar adequadamente as máscaras faciais de proteção, insiste em participar de festas, em se reunir com amigos e quando o comércio é liberado, enche imediatamente as ruas e os *shopping centers*. Isso se deve à urgência de ser vista, como denuncia Han (2017, p. 127), porque “hoje em dia, as coisas só começam a ter valor quando são vistas e expostas, quando chamam a atenção”. As comemorações tradicionais, vinculadas à celebração da memória, vêm sendo substituídas por festas e eventos, que melhor se caracterizam como espetáculos, no dizer de Han (2017). Em sociedades que, valorizando a superficia-

lidade, exercitam o afastamento de qualquer constrangimento e/ou mal-estar provocados por sentimentos espontâneos, já causava estranheza pensar que de há muito a medicina vem contribuindo com essa tentativa de neutralidade, ao promover o delírio de extensão da vida até limites desumanos, estimulando o comportamento obsessivo em busca de uma sobrevida a qualquer custo. Muitas vezes as famílias providenciam a internação do doente em um hospital, na tentativa de distanciar o espectro mortífero do convívio dos lares e, erroneamente, chamam a esse aparato de conforto, cuidado especializado ou qualquer outra desculpa que lhes aquiete a consciência e, ilusoriamente, as mantenha a salvo da contaminação do mal da finitude. “A medicina favorece esse delírio quando esquece o ser humano, o doente, e se põe a serviço do combate à doença, como entidade autônoma” está denunciado em Espírito Santo (2010, p. 32). Repensando nosso estilo de vida contemporâneo, Morin & Kern (1995, p. 148-149) falam de uma doença da velocidade. E advertem:

A tomada de consciência da corrida louca, do risco de arrebatamento é urgente. É preciso frear, diminuir a marcha, a fim de fazer chegar um outro devir. Doravante é necessário considerar a regulação internacional do crescimento e da competição econômicas, e promulgar normas de vida que comportem os direitos do tempo humano.

No caso do adoecimento pela COVID-19, pelo fato de o contágio ser tão incontrolável, não é permitido, nem mesmo à família, voltar a ver os parentes depois de estes serem internados, não podendo, muitas vezes, despedir-se dos que falecem e nem lhes prestar a homenagem final. Sem rituais de passagem, agrava-se a tendência à negação, e a morte fica no campo de uma subtração, para os que não vivem diretamente a perda. Diariamente, a mídia estampava boletins comparativos com os números

dos mortos de diferentes localidades ou países e, paulatinamente, a noção de vidas perdidas vai se tornando mais abstrata. Nesse ritmo artificial, como segue alertando Han (2017), já vínhamos cultivando muito pouca tolerância para o tédio, necessário para o processo criativo, que alimenta a vida. Em lugar de uma atenção profunda, ligada ao longo fôlego, ao lento e à contemplação, vimos desenvolvendo a atenção dispersa, caracterizada “por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos”, acabando por criar sociedades onde “a preocupação por uma boa vida dá lugar à histeria pela sobrevivência” (HAN, 2017, p. 107). Toda essa aceleração seria gerada pelo que Han chama de sociedade de autoexploração, na qual “o sujeito do desempenho explora a si mesmo até consumir-se completamente (burnout)” (2017, p. 101), chegando a um estado de esgotamento emocional e físico, gerado pelo estresse de atividades excessivas. Esse e outros quadros clínicos são derivados do fenômeno de negação da realidade. Desde a infância mal vivida, por abandono ou por excesso de proteção, começa uma (de)formação que não respeita a necessidade de se lidar com o sofrimento gerado por frustrações inevitáveis. A competitividade desmedida, estimulada tanto nas famílias, quanto nas escolas, em função do alcance de um desempenho padronizado dos alunos em busca da “excelência” – termo importado do mundo empresarial –, faz com que muitas crianças recebam o diagnóstico de portadoras do que se denomina déficit de atenção. Excessivamente estimuladas artificialmente e com pouco contato com a natureza, acabam sendo medicadas para se adaptarem e seguirem um modelo estabelecido como normal. Han (2017, p. 69), denuncia:

A sociedade do cansaço, enquanto uma sociedade ativa desdobra-se numa sociedade do doping. Nesse meio tempo, também a expres-

são negativa ‘doping cerebral’ é substituída por ‘neuro-enhancement’ (melhoramento cognitivo).

Qualquer demonstração de tristeza passa a ser rejeitada como sendo anormal e tratada, via de regra, como início de depressão. Desse modo, inúmeras pessoas passam a usar medicamentos antidepressivos, controladores de apetite e calmantes hipnóticos, com a mesma naturalidade que adotam bebidas alcoólicas e drogas, como relaxantes ou estimulantes diários. Essa atitude de distanciamento dos afetos mais difíceis de ser integrados, tem, como consequência, comportamentos compulsivos, que aparecem no consumo exagerado e irrestrito e na simulação de uma alegria coletiva, que é, na maioria das vezes, apenas euforia. Os efeitos da pandemia só fizeram agravar esses comportamentos reativos. Assim, quando ainda não existe uma vacina definitivamente testada e aprovada para, usada em todo o mundo, poder prevenir a contaminação pela COVID-19, ou sequer haja conhecimento preciso sobre a forma de propagação e acerca das consequências da doença, mesmo contrariando orientações governamentais, as pessoas voltam freneticamente ao convívio social.

## Reinventando

Durante esses mais de 150 dias de permanência em casa, não voluntariamente, mas retida principalmente pelo comando de meu instinto de sobrevivência, aliado à minha consciência cidadã e ao bom senso, que prezo e cultivo, fui revivendo, momento a momento, a história de vida que havia narrado na dissertação. Retomei a escrita, voltando ao passado de maneira inusitada: era como se eu estivesse, de fato, sendo levada a retroceder pelo caminho traçado, acompanhada, agora, por uma nova consciência. Enquanto escrevia, andei repiando as estradas que trilhei até chegar a esse

momento. Revisitei cada escola onde estudei, soboreando e contestando cada novo aprendizado e, assim, senti os espantos e os deslumbramentos com os ensaios de usar palavras para criar laços e estabelecer alianças. Percebi, com encanto, o princípio do rendado em que meu prazer de escrever se desenvolveu, tornando-se meu principal campo de expressão e instrumento de ação. Reexperiei cada uma das muitas profissões a que me dediquei e descobri, como linha mestra que as uniu, a dedicação ao cuidar, que me faz ter comprometimento com a educação, em qualquer campo em que eu atue. Reconstruí, quase 50 anos passados, a escola que criei um dia; e esperei a chegada de cada aluno, de cada professor, de cada amigo e parceiro daquele trabalho, que foi um marco divisor na minha trajetória e espaço pioneiro na defesa do respeito às diferenças individuais. Voltei a prantear meus mortos, alunos, professores, auxiliares e familiares de alunos que se foram, durante os anos em que a escola existiu. Mas foi ali, também, que fui reensaiando as atitudes de transformação com que sonhei, regozijando-me com os possíveis sucessos alcançados e sofrendo, outra vez, cada uma das frustrações vividas. Reescrevi meus livros, escutei atentamente, como de cada primeira vez, as confidências de meus pacientes e percebi o quanto espreitamos, juntos, o mistério do autoconhecimento, pilar da autoestima conhecendo as limitações que todos temos e que precisamos enfrentar. Rebobinei imaginariamente, através das releituras dos trechos da narrativa já escritos e da tentativa de dar continuidade ao roteiro, esse filme do qual sou a produtora, a diretora e, inevitavelmente, a protagonista. Precisei ser, também, a editora e escolher os enquadres, as cenas mais significativas e os cortes necessários, dessa feita, usando uma iluminação especial, que incluía sombras reveladoras. A cada noite, nesses meses de reclusão, voltei a pedir

a benção a meus pais, em evocação simbólica, compreendendo agora, mais que nunca, o aplacamento que as suas palavras, me abençoando, traziam para meu coração, durante minha infância. Percebi, com satisfação que, ao repetir esse hábito com meus filhos e netos, refaço a cadeia afetiva que nos leva, a todos, ao encontro das heranças ancestrais, nascedouro da intuição, sábia orientadora. Saí outra vez da casa paterna, para casar, levando como única bagagem meus sonhos românticos. Como em um protetor envoltório onírico, pari meus três filhos e acompanhei seus desenvolvimentos, com tal dedicação, que nos tornamos parceiros no enfrentamento das tempestades e na contemplação de dias luminosos e de noites iluminadas. A cada manhã, durante cinco meses, ao fitar-me mais demoradamente no espelho, fui descobrindo transformações em minha aparência. A menina tagarela de olhar vivo e perguntador acabou por encontrar, surpresa, a anciã de cabelos brancos e rosto vincado, mas não menos questionadora, felizmente.

## Um legado reavaliado

Minhas vivências e aquelas que presenciei, todas transformadas em experiências de vida pelos afetos que me despertaram, foram extensamente narradas em minha dissertação, buscando trazer exemplos que facilitem a compreensão da eclosão de movimentos educacionais em prol da libertação do ser humano, como preconizou Freire (1996). Tais propostas revolucionárias partiram do reconhecimento da existência de subjugo nas relações humanas, gerador do processo de formação alienante. Pude perceber os processos de autoformação, de ecoformação e de heteroformação descritos por Josso (2002) e Pineau, (2014), acontecendo em mim e como, representados no relato biográfico pelas consequências que os espelham, se desenvolveram de forma apa-

rentemente silenciosa, como nas mudanças temporais formuladas por Jullien (2018). Esse autor entende transformação como gestação, válida a título de condição, e pensa o evento, como um afloramento. E afirma que “por que ela é global, operando aquém, no estágio da maturação, a transformação é sempre ‘silenciosa’” (JULLIEN, 2018, p. 105). É assim que percebo o que ocorreu comigo e com meu trabalho autobiográfico durante os últimos meses. A pandemia foi um evento que potencializou e trouxe à tona uma necessidade latente, que vinha sendo gestada silenciosamente, de repensar, nas fronteiras da morte, minha própria vida e o sentido que ela possa vir a ter para outros. As diversas concepções de tempo em diferentes culturas nos trazem, como ponto comum, a ideia de que aquilo que ocorre se apresenta como consequência do que foi feito anteriormente, já comprometido com o que virá adiante. Em meu percurso, fica claro o surgimento de desabrochares aparentemente espontâneos, de tempos em tempos, resultado, certamente, da acumulação e metabolização de experiências anteriores. Impossível, pois, separar os aspectos autorais e subjetivos, das influências ambientais e culturais em minha construção como sujeito descrita por Ferraroti (1988) e Josso (1991). Por outro lado, a consciência da inserção no tempo constituiu-se, igualmente, um elemento imprescindível em minha narrativa, porque, como ensina Cavaco (2018, p. 81), “o sujeito precisa dar uma consistência temporal específica ao seu percurso, aos acontecimentos, aos momentos mais significativos na sua formação”. Além disso, o tempo específico de reflexão vivido, em suspensão do cotidiano rotineiro, a partir das pesquisas e dos estudos que amplificaram minhas experiências enfatizam a afirmação de Cavaco (2018, p. 83), de que ele é “essencial para se criarem as condições propícias à elaboração da narrativa”. Durante o tempo de

reclusão causado pela pandemia, os momentos de pensamentos reflexivos se expandiram dando espaço para o que Han (2017, p. 34) chama de “dom de escutar espreitando”, que se radica “precisamente na capacidade para a atenção profunda, contemplativa, à qual o ego hiperativo não tem acesso” (Idem, 2017, p. 34). Nesse aspecto, confirma-se a concepção de as academias serem sítios que favorecem os encontros entre pesquisadores e autores, em uma temporalidade especialmente destinada a esses momentos de troca dialética, como a concebe o princípio socrático da investigação conjunta, feita em colaboração, de acordo com Abbagnano (2000). Acredito que a construção de minha narrativa illustre satisfatoriamente essas considerações, porque é preciso reconhecer que dificilmente eu faria uma análise tão focal de minha história, se não aceitasse o desafio de me matricular em um curso de mestrado e, em seguida, de me comprometer com um tema ligado à autoformação. E, impossível negar, e, ao contrário, imprescindível ressaltar, as circunstâncias vividas por conta da experiência dessa pandemia que trouxeram ambiência única para a elaboração de minhas conclusões.

Não por acaso, na pergunta norteadora de meu trabalho, eu exprimo a indagação de como encontrar, no passado, um sentido vivificador que possa impregnar um suposto futuro em educação. Da origem latina *vivificare*, traduzida como “fecundar”, “vivificar” traz, na tradição judaico-cristã, o significado de animar, manter o vigor, dar vida ou existência e até ressuscitar. Ocorreu-me que a escolha desta palavra – “vivificar” – ligada diretamente ao nome da escola que criei, demonstra e reforça meu compromisso, desde longe assumido, com a energia vital como fonte de criação e geradora de perpétuas transformações. Morrer de vida e viver de morte – o ensinamento de Heráclito – dá um sentido maior e mais profundo à

conjunção que se evidenciou, mais que nunca, nesse ano emblemático que vivemos.

Desejando me aproximar de um sítio que me assegure haver cumprido o dever a que me propus e que acabou por se tornar imprescindível, repito para mim mesma, exaustivamente, a pergunta que formulei. A busca contínua por novos conhecimentos, sem alimantar o temor de ser necessário revisar saberes anteriormente adquiridos, quer por via intelectual ou pelo caminho dos sentimentos, parece-me uma forma segura de revigoramento. De igual maneira, encontrar, nos enganos cometidos durante a rota, a possibilidade de descobrir outras passagens e seguir trilhando por elas, em cerimonioso respeito de estreia, oferece aspectos próximos à ressurreição do desejo, capaz de levar ao comprometimento com o fazer. Retomar os caminhos já percorridos, mantendo o olhar inaugurador de uma criança sempre pronta a permitir que a paisagem lhe colora os olhos, metáfora evocada por Espírito Santo (2012), pode trazer, aos que no futuro se interessarem pela educação, a possibilidade de compreender o quanto há de beleza na complexidade desse trajeto sem cartografia definida. Porque sempre existirão ilhas desconhecidas a buscar, nos ensinou Saramago (2019). Penso que meu legado se expressa nos princípios básicos que defendi em todos os campos profissionais em que atuei: o respeito às diferenças individuais defendido por Gadotti (2005) e a busca do autoconhecimento trazida por Cavaco (2018), com vias à construção da autoestima. São garantias de preservação da singularidade, em meio à pluralidade como defende Arendt (2001). Encarar o processo educativo como inerente à própria vida e não como uma preparação para ela, citado por Canário (2006b), faz com que todos nos reconheçamos educadores, de alguma forma. Portanto, cada vez foi ficando mais claro

a quem se destina essa minha herança: aos que encontrarem sentido na história que vivi.

Desse modo, é forçoso admitir que não há uma resposta única para minha questão, nem para o impasse que vivemos. As muitas soluções possíveis se multiplicarão sempre, na mesma medida e com a mesma intensidade com que a vida se renova. Nessa concepção, os percursos de tantos pensadores, que nos deixam generosamente seus depoimentos, adubam o solo do conhecimento humano. Em campo fértil, vejo as narrativas de histórias de vida como rizomas, matrizes que propiciam multiplicações infundáveis de novas brotações espontâneas. Os múltiplos aspectos que a educação sempre assumirá podem ser pensados como estacamentos, trançados cuidadosamente, de maneira a sustentar os galhos tenros, permitindo o entrecruzamento das diferentes espécies, facilitando os cuidados necessários e garantindo produção diversa e forte a muitas gerações.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- ARENDRT, Hanna. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- BONVALOT, Guy. L'entreprise, espace de formation expérientielle. **Education Permanente**. Paris: G. Bonvalot Editer, 100/101, p. 151-159, 12/1989.
- CANÁRIO, Rui. Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da Educação não formal. In: CANÁRIO, Rui. **A Educação em Portugal (1986-2006): Alguns contributos de investigação**. Lisboa: SPCE Conselho Nacional de Educação, 2006a. p. 195-247.
- CANÁRIO, Rui. Formação e adquiridos experienciais: entre a pessoa e o indivíduo. In: FIGARI, Gerard & et al. (org.). **Avaliação de competências e aprendizagens experienciais: Saberes, modelos e métodos**. Lisboa: Educa, 2006b. p. 35-46.
- CANÁRIO, Rui. Poderá o “decrescimento” ser uma

boa notícia? *In: Máscaras Prisões Liberdades e Cifrões*. Lisboa: Casa da Achada, 2012. p. 36-37.

CAVACO, Carmen. **Aprender fora da escola**: percursos de formação experiencial. Lisboa: Educa, 2002.

CAVACO, Carmen. A investigação biográfica em educação no contexto português. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**. Salvador: UNEB, v.03, n. 9, p. 814-828, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5595>. Acesso em: 4 ago. 2020.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. **Psychologie et Éducation**, Paris: AFPEN, IX, n. 4, p. 7-17, 1985

DOMINICÉ, Pierre. A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: USP, v. 32, n. 2, p. 345-357, 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1517-97022006000200010&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1517-97022006000200010&script=sci_arttext). Acesso em: 4 ago. 2020.

ESPÍRITO SANTO, Maria. **Vasos Sagrados**: mitos indígenas brasileiros e o encontro com o feminino. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

ESPÍRITO SANTO, Maria. **Com gosto de terra natal**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2012.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In: NÓVOA, Antonio. & FINGER, Matthias. (orgs.). O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 19-34.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educadora. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. A questão da Educação Formal/ Não Formal. *In: Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?. Seminaire*. Sion: Institut International des droits de l'enfant. p. 1-11,18-22/10/2005. Disponível em: [Educação Formal Não Formal 2005 Gadotti - DOCUMENT.ONL](http://www.educacaoformal.org.br/DOCUMENT.ONL). Acesso em: 5 ago. 2020

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópo-

lis: Vozes, 2017.

JOSSO, Christine. L'expérience formatrice: un concept en construction. *In: COURTOIS, Bernadette & PINEAU, Gaston. La formation expérientielle des adultes*. Paris: La Documentation Française, 1991. p. 191-200.

JOSSO, Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002

JULLIEN, François. **As transformações silenciosas**. Londrina: Eduel, 2018.

LANDRY, Francine. La formation expérientielle: origines, définitions et tendances. **Education Permanente**, Paris: CNAM, 100/101, p. 13-22, 1989. Disponível em: [http://www.education-permanente.fr/public/articles/articles.php?id\\_revue=100&id\\_article=593](http://www.education-permanente.fr/public/articles/articles.php?id_revue=100&id_article=593). Acesso em: 4 ago. 2020.

MARQUES, Luiz. A pandemia incide no ano mais importante da história da humanidade: serão as próximas zoonoses gestadas no Brasil? **Ciência, Saúde e Sociedade**: Covid 19. Revista eletrônica. Campinas: Unicamp. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/05/05/pandemia-incide-no-ano-mais-importante-da-historia-da-humanidade-serao-proximas>. Acesso em: 20 maio 2020.

MORIN, Edgar & KERN, Anne. **Terra Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

PINEAU, Gaston. La formation expérientielle en auto-, éco- et co-formation. **Education Permanente**, 100-101. p. 23-30, 1989. Disponível em: [http://www.education-permanente.fr/public/articles/articles.php?id\\_revue=100&id\\_article=594](http://www.education-permanente.fr/public/articles/articles.php?id_revue=100&id_article=594) Acesso em: 4 ago. 2020.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. *In: NÓVOA, Antonio & FINGER, Matthias (orgs.). O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFERN, 2014. p. 91-109.

RAMOS do Ó, Jorge. **Fazer a mão**: por uma escrita inventiva na universidade. Lisboa: Saguão, 2019.

ROELENS, Nicole. Le métabolisme de l'expérience en réalité et en identité. *In: COURTOIS, Bernadette & PINEAU, Gaston. La formation expérientielle des*

**adultes.** Paris: La Documentation Française, 1991. p. 219-241.

RUGIU, Antonio. **Nostalgia do mestre artesão.** São Paulo: Autores Associados, 1998.

SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Afrontamento, 2003.

SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus.** Porto: Almedina, 2020.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida.** Porto: Porto. 2019.

SILVA E MELO, Antonio. Existe um direito ao desenvolvimento? *In*: MRLO, Alberto (org.). **Passagens Revoltas.** Lisboa: In Loco, 2012. p. 424-435.

VIEIRA, Willian. Ninguém aguenta mais barulho. **Nexo jornal online.** 28/07/2020. Disponível em: <https://gamarevista.com.br/sociedade/ninguem-aguenta-mais-barulho/>. Acesso em: 4 ago. 2020.

Recebido em: 12/08/2020

Revisado em: 14/12/2020

Aprovado em: 16/12/2020

**Maria Inez do Espírito Santo** é mestra em Educação e Formação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa na área de especialidade de Desenvolvimento Social e Cultural. Educadora, psicanalista e escritora, dedica-se à linha de pesquisa Investigação-ação-formação experiencial. *E-mail:* [inezes5@gmail.com](mailto:inezes5@gmail.com)